

“Já fiz merchandising, mas acho muito canalha”

Há dois meses com a autobiografia *50 Anos a Mil* na lista dos livros mais vendidos do Brasil, o músico Lobão fala sobre o projeto de transformar a obra em filme, comenta a propaganda da cantora Sandy para a Devassa e critica os exageros sonoros nos filmes publicitários

BRUNO BORIN

Meio & Mensagem — Como você está lidando com a receptividade de seu livro? Você esperava esse retorno?

João Luiz Woerdenbag Filho (Lobão) — Esperava, porque eu sabia que era uma história interessante e estava aguardando o momento propício, para mim mesmo, para me distanciar dela o suficiente para poder contar da maneira mais adequada possível. Eu sabia que na hora em que contasse, ia causar um tumulto, porque é um documento, né? E vai de encontro a todos os outros já escritos até hoje, principalmente no que se refere aos anos 80. Mostra todas as entranhas do domínio público, do poder judiciário, da polícia; a questão também da MPB sempre com esse “grilo” da guitarra elétrica; os meus insights de ver que a esquerda brasileira da época era igual à ditadura — os dois eram conservadores, gostavam de tiranos, eram nacionalistas e retrógrados. Mostrar que o meu espectro político nasceu assim: de um lado tinha a direita dos ditadores e a esquerda da MPB e de outro tinha a guitarra e o rock’ n’ roll, que me salvou, porque senão eu me tornaria um idiota de quatro costados. Fui salvo pelo Rock’n’ Roll (*risos*).

Meio & Mensagem — Como foi a escolha do jornalista Claudio Tognolli para te ajudar no livro?

Lobão — Fui eu quem escreveu. O Tognolli fez a parte do jornalismo investigativo, colheu os depoimentos e tudo que foi escrito sobre mim durante esse tempo todo. Mas quem escreveu a história toda e editou fui eu mesmo. Na verdade, escrevi 873 páginas e editei para 390. Vai sair tudo agora no e-book, com todas as fotos. Terá um audiobook também. Eu vou dar uma de Cid Moreira de mim mesmo e vou narrar (*risos*). Vão ser vários produtos correlatos, antes mesmo do filme.

Meio & Mensagem — De onde surgiu a ideia do filme?

Lobão — Quando escrevi o livro, já tinha aquela sensação de filme. Eu me baseei muito no Indiana Jones para fazer a edição. *50 Anos a Mil* já dá uma sensação de velocidade incrível. Fiz todo ele (*o livro*) no sentido cinematográfico. Tinha certeza de que isso chamaria a atenção cinematográfica da rapaziada. Após a segunda quinzena que o livro tinha saído, já havia proposta.

Meio & Mensagem — Em 2010, você passou bastante tempo dedicado ao livro, mas também tocou dois programas na MTV (Lobotomia e MTV Debate). Há planos de voltar para este tipo de mídia? E a sua carreira musical?

Lobão — Por enquanto não. Estou muito atarefado. Tive de sair por isso mesmo. Não teria tempo nem espaço para divulgar o livro e a caixa que está sendo lançada. Tem duas músicas novas que estão no livro. Tem o livro, o e-book, o audiobook, o filme... Eu vou querer tempo para fazer um disco bem legal. Tem a própria caixa (*de Cds*): os

Foto

originais estavam presos há mais de 20 anos. Então, soa até inédito — ainda mais remasterizado pelo Roy Cicala (*produtor musical e engenheiro de som de artistas como John Lennon, Frank Sinatra e Madonna*). Ele deu o maior gás, porque a qualidade de gravação, nos anos 80 principalmente, era muito ruim. Então, está bem melhor. Dá até pra ouvir (*risos*).

Meio & Mensagem — Como você enxerga a relação entre música e publicidade?

Lobão — A música é mantra, né? É um prato cheio para publicidade. Agora, ela já composta para se tornar publicidade, também é um prato cheio — um hit, sempre é bom. No meu caso, tenho dó, sinto muito ciúme da minha música. Não gostaria de ouvir minhas músicas em anúncios de publicidade, porque para mim isso é muito triste. Parece que alguma coisa morreu ali. Não sei, não consigo me livrar desse sentimento.

Meio & Mensagem — E quanto à sua imagem?

Lobão — Já fiz merchandising, mas eu me sinto muito assim... acho muito canalha, sinceramente. Eu me sinto muito sem traquejo para fazer isso. Não que eu diga

que nunca farei, mas, na verdade, acho isso tudo muito esquisito.

Meio & Mensagem — Dentre os veículos voltados à música independente, algum se destaca?

Lobão — Você tem um monte de zines e revistas espertas com circulação gratuita por aí, outras nem tanto. O que quero dizer é que esta imprensa está na mesma proporção que está a música independente. Ela precisa ser vista por mais pessoas e a gente tem de ter esse direcionamento na nossa cabeça, enquanto músico independente. Ser underground hoje em dia não é exatamente uma vantagem.

Meio & Mensagem — O que você achou da Sandy como Devassa?

Lobão — Das duas uma: ou foi um daqueles delírios de brainstorm de campanha publicitária, ou, quiçá, a própria Sandy pensou em mudar a imagem. O Júnior já fez isso — foi fazer uma banda de rock e ficou com o cabelo moicano. Seria uma boa oportunidade de haver essa sacada. Não vi ainda o anúncio, não sei se ela se saiu bem ou não. É arriscado, mas é uma boa ideia no sentido de que se ela cumprir o papel, vai se distanciar daquela coisa que ela era — uma menininha — para se tornar uma mulher devassa e tal. Se houve essa proposta, foi interessante, arrojado. Pode ser que ela não consiga, mas vale a pena arriscar.

Meio & Mensagem — Alguma propaganda recente chamou sua atenção?

Lobão — Tem uma propaganda, que eu considero afligir meio mundo. Aquela da Net (*campanha “No dia”, desenvolvida pela Talent*). Aquilo é uma lavagem cerebral. Eu estava conversando com minha mulher e pensei: “será que não existe um limite?” Porque é legal, o personagem é simpático, mas chega uma hora em que aquilo começa a ficar agressivo. Outra coisa que sempre falo — que deve ser muito técnico nos meios de publicidade — são os decibéis que são aumentados na hora que vem a publicidade. Isso é uma invasão, um saco. É algo que acho muito pouco provável de surtir efeito. Eu já medi uma diferença de dez decibéis entre a programação normal e a publicidade. A publicidade tem de ter essa gentileza de saber fazer a coisa mais chique, e conseguir pegar as pessoas pela maneira mais legal possível. Não no grito, literalmente. (*risos*)

(Confira a entrevista na íntegra no www.mmonline.com.br)

Lobão fala neste vídeo sobre o filme baseado em seu livro

1. No browser do seu celular, acesse o site www.phdmobi.com
2. Faça o download do leitor de tags
3. Abra o aplicativo e use a câmera
4. Mire ou fotografe esta imagem
5. Assista ao vídeo

